

DIVAGAÇÕES ETNOGRÁFICAS
AMOS, CRIADOS E MOÇOS DE SERVIR

GUILHERME FELGUEIRAS
Oeiras

Os trabalhadores assalariados ou servos adstritos a um patrão ou senhor que exerce a sua autoridade e os remunera, tinham remotamente ocupações diferenciadas:

Nas habitações domésticas

Para trabalhos caseiros, com a designação que ainda hoje se mantém de *criados* ou *serviçais*. São geralmente do sexo feminino, mulheres adestradas em preparar no lume os alimentos — as *cozinheiras*; ou em se entregarem aos arranjos domiciliários — as *criadas-de-quarto* ou *criadas-de-fora*. Havia também as *amas-de-leite*, que amamentavam as crianças alheias e as *amas-secas*, que tratavam de meninos de peito, nutridos estes com o leite materno.

As antigas criadas portuguesas, zelosas, fiéis e afeiçoadas, que acompanhavam a vida doméstica em comum, servindo obedientemente várias gerações com nobre dedicação, a ponto de quase se integrarem nas famílias, são legado de um passado remoto que o decorrer dos anos quase extinguiu.

Na vida agrária

Com destrição de funções: os *trabalhadores de enxada*, para se ocuparem do granjeio dos campos; os *moços-de-monte*, que têm a seu cargo a guarda das coutadas e do gado; os

tratadores (pensadores) e *vigias do gado* — pastores, zagais e doeiras (quando do sexo feminino). Admitidas como *moças-de-lavoura*, muitas dessas rapariguinhas vão à «soga», isto é, a pé descalço na dianteira dos carros boieiros, com curta agulhada na mão guiando a junta de nédios barroões, para o que seguram na tira de couro presa às hastes dos animais. São as *chamadeiras-do-gado* ou *moças-de-soga*.

Muito em especial no Minho e no Baixo Douro, para ajustar estes serviçais, há mercados pelo S. Miguel, tipicamente regionais e de vincado sentido etnográfico. 29 de Setembro é a quadra do ano fixada para admitir ou despedir servos, visto que as *soldadas* (retribuição de serviço) se estabelecem por um ano. Estes ditados o confirmam:

«*Quem se ajusta pelo S. Miguel, não se senta quando quer*»;
 «*S. João e S. Miguel passado, tanto manda o amo como o criado*»;
 «*Criados e bois, um anos até dois*».

Os amos mais severos e menos compassivos tinham as seguintes máximas como preceito normativo:

«*Quem quiser os bons criados, não lhes dê os bons bocados*»;
 «*A criado novo, pão e ovo; depois de velho, pão e Demo*»;
 «*Não fartes o criado de pão, também te quer requieijão*»;
 «*Enquanto o amo bebe, o criado espere*»;
 «*Com teu amo não jogues as peras, que ele come as maduras e dá-te as verdes*»;
 «*Que chova que não chova, meu amo me dará que coma*»; e
 «*Nem criado dormidor, nem gato miador*».

Esta trova popular denuncia a preocupação do amo em que o assalariado que o serve não seja dorminhão ou propenso à modorra:

*Vai-te sono, vai-te sono,
 Vai-te da minha criada;
 Nem a vestes, nem a calças,
 Nem lhe pagas a soldada!*

Ainda, sobre a escassez no repasto dos serviçais, este diálogo grotescamente congeminado pelo povo:

Diz o amo, na refeição do criado:

*«Deus seja louvado para sempre,
está cheio o amo e toda a minha gente!»*

Por sua vez os subordinados, pela sujeição repressiva em que viviam, criaram as seguintes sentenças:

*«Mau é ter moço, mas pior é ter amo»;
«Senhores empobrecem, criados padecem»;
«Anda do teu amo ao sabor, se queres ser bom servidor»;*

e nas cantorias os remoques eram certos:

<i>— Quatro coisas pede o amo</i>	<i>— Triste vida é ser escrava,</i>
<i>Ô criado que o serve:</i>	<i>Ser criada de servir:</i>
<i>— Deitar tarde e erguer cedo,</i>	<i>Andar sempre numa lida</i>
<i>Comer pouco, andar alegre.</i>	<i>Sem descansar nem dormir.</i>

Na região de Barroso, dizem os criados quando não podem sair de casa por causa da chuva:

*«Está um dia de S. Fernando,
ri-se o moço e chora o amo».*

*

Nas «feiras dos moços» havia, em Vila Chã (Ferreira de Aves) e noutras localidades beiroas e nortenhas, certas normas e usos tradicionais, tipicamente curiosos: os *homens da lavoura* que procuravam trabalho a soldo de outrem (roçar mato, «cachar» ou desbravar terreno, etc.), levavam uma enxada ao ombro com fitas coloridas presas ao cabo; os *lavradores*, uma aguilhada também com vistosa franja garrida, que «ferravam» ou cravavam no meio do terreiro, como distintiva bandeira a atrair atenções.

A soldada anual era ali estabelecida: determinada quantia em dinheiro e os «usos» ou «miúdos». Para os rapazes, um

colete, dois pares de ceroulas de atilhos, duas camisas (uma de linho cru e outra de estopa), um chapéu, uns tamancos novos e, depois «encourados» (remendados), quando os dedos dos pés já lhes espreitassem pelas gáspeas. Para as moças, os «miúdos» consistiam num número estabelecido de saias de burel, corpetes, blusas, aventais, lenços de cabeça e um par de socos e respectivos consertos. O salário ou remuneração do serviço, variava conforme as regiões mas era sempre mesquinho: 10 a 17 mil réis para os criados e 7 a 11 para as serviçais.

Em anos já distanciados, em determinados concelhos das províncias do Douro e Minho, designadamente na Maia e em Vila do Conde, despertava grande curiosidade o costume de arranjar namoro nas férias de ano, e, nesse propósito, lá iam rapazes e moças daquelas redondezas. Os arraiais, as desfolhadas, os serões, as vindimas, a «azeitonada», os bailaricos... enfim, os locais onde se reúne gente moça, foram sempre propícios aos devaneios amorosos. O «namorar à bicha», porém, foi sempre privativo das romarias minhotas e durienses; ingénuo costume com manifestações e características próprias que a austera vassoura do Progresso vai extinguindo com o decorrer dos anos. Resumia-se em pouco o alternado e pitoresco diálogo, rimado em versalhada de pé-quebrado; as moçoilas, garridamente empapoadas nas vestes domingueiras, atendiam os «conversados» que aguardavam a sua vez, para «rentar», até que outros acabassem de dar as suas «falas desenganadas». Conseguida oportunidade, o novo pretendente, perguntava à cachopa se preferia «corrido»... ou «em verso». O «corrido» era o namoro declarado em prosa; «em verso», o galanteio dirigido com reciprocidade de quadras com afirmações de amor, o que servia para pôr à prova o estro poético dos simplórios menestéis.

A nossa informadora, a Luisinha dos Caracóis, que conta a bonita idade de 75 Janeiros, recorda a propósito: — «Eu não sabia ler, mas as minhas amas, ò serão, ensinavam-me e eu lá ia *cô as oitras*. E como uma maré eu *lubaba* umas arrecadas, um rapaz que *beu* ter comigo, disse:

*«Menina das arrecadas
que é tanto do meu gosto,
meu coração se alegra
de ver esse seu rosto».*

e vai eu, respondi-lhe:

*«Também de ver o seu rosto
eu m'estou a influir;
mas eu num sou labradeira,
sou «mocinha de servir».*

e o certo é que daí resultou o nosso casamento.

Nesses recuados tempos, estavam em voga as seguintes canções da rua:

*— As criadas de hoje em dia
Todas usam seu cordão;
Fazem festas à patroa,
Dão beijinhos ao patrão.*

*— A criada que é janota,
Também usa gravatinha,
E fala com seu namoro
Da janela da cozinha.*

*— Quem quiser feirar que feire,
Qu'eu domingo vou feirar,
Criadas da minha terra,
Quem as quiser ajustar.*

*— Vou-me embora de meu amo,
Não le devo nem uma hora;
Ele é que me deve a mim
O tempo qu'andei por fora.*

*— Ó sopeira encantadora,
Onde vais tão apressada?
Para que te cansas tanto
Com tão pequena soldada!*

— *Menina não se namore
Dum criado de servir;
Finda o ano vai-se embora,
Menina, viste-lo ir!*

— *Nossa Senhora da Graça,
Este ano hei-de lá ir,
Ou casadinha ou solteira,
Ou criada de servir.*

São autênticas paradas de tipismo e de pitoresco as feiras em que se ajustam «criados de servir», pois nelas predomina o cunho popular.

Peredo da Bemposta (concelho de Mogadouro) toma anualmente ares festivos, no dia 24 de Junho, com a feira de géneros alimentícios e de servos para a lavoura. Nos primeiros dias de Agosto, realiza-se em Vila do Conde uma feira em que a afluência de patrões e assalariados é indicada nesta locução:

«*À feira dos três de Agosto,
vai o amo e vai o moço*».

À feira marcadamente regional de Agosto, em Beja, acorre no dia 15 gente dos «montes» e das redondezas — ganhões, almocreves, ciganos, guardadores de gado, «criados contratados ao ano», etc.; uns para satisfazerem os seus foros e rendas e muitos outros para receberem a «soldada». Dia de balanço do lavrador, dia em que se acertam os ajustes ao ano.

Desde a Beira serrana ao Algarve, é no dia de S. Pedro que se ajustam os serviçais e, pelo S. João, os párocos. O cancionero e rifoneiro são ricos em alusões a este tradicionalismo:

— *O S. Pedro é p'ros moços,
O S. João para os curas;
Coitadinhos dos casados
Que ficam nas amarguras.*

(Beira Alta)

— *Do S. João ao S. Pedro
Quatro ou cinco dias são;
Moços que andais à soldada
Alegrai o coração!*

(Beira Alta)

— *Hoje é dia de S. Pedro,
Amanhã se acaba o ano;
Pague-me as minhas soldadas,
Fique-se com Deus, meu amo.*

(Algarve)

«*Pelo S. Pedro se justam os criados e pelo S. João os párocos*».

Do conceito antigo falam explicitamente estas frases proverbiais:

«*Tal amo, tais criados*»;
 «*Tão bom é Mariano como seu amo*»;
 «*Quem tem criados, tem inimigos não escusados*»;
 «*Não peças a quem pediu, nem sirvas a quem serviu*»;
 «*Nem moço parente nem moço rogado o tomes para criado*»;
 «*Ao cabo de um ano tem o criado as manhas do amo*»;
 «*Manda o amo ao moço, o moço ao gato e o gato ao rato*»;
 «*Nem caldo retardado, nem criado voltado*»;
 «*Cavalo feito e criado por fazer*»;
 «*O olho do amo engorda o cavalo*»;
 «*O melhor penso do cavalo é o penso do seu amo*»;
 «*Mau amo hás-de agradar por medo de empiorar*»;
 «*Criado de avô, nunca bô*».

Refere-se aos velhos servos que, com o decorrer dos anos e a confiança adquirida, abusam, descurando as suas responsabilidades.

«*O amo imprudente faz o moço negligente*»

porque, dando ordens despropositadas ou impossíveis de cumprir, faz perder a autoridade e instiga à desobediência.

E deixamos para final esta prudente sentença moral, cheia de comiseração e espiritualidade, exaltadora daqueles que tendo assalariados às suas ordens lhes dispensam protecção e acatamento:

«*Honra é dos amos o que se faz aos criados*».